

NÃO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU



Encontro no Sal entre Aristides Pereira e Luiz Cabral

Regressou ao fim da tarde de domingo a Bissau o camarada Luiz Cabral, Secretário-Geral Adjunto do PAIGC e Presidente do nosso Conselho de Estado, que se tinha deslocado no sábado passado à República irmã de Cabo Verde, onde se encontrou com o camarada Aristi-

des Pereira, Secretário-Geral do Partido e Presidente daquele país.

Este encontro, que teve lugar na ilha do Sal, enquadra-se no âmbito dos contactos normais dos dois dirigentes máximos do nosso Partido e dos dois Estados irmãos.

INICIOU-SE ONTEM A 1.ª CONFERÊNCIA DOS EMBAIXADORES DA GUINÉ-BISSAU

● Victor Saúde Maria expõe relatório de actividades

Iniciou-se ontem à tarde em Bissau, na sala de reuniões do Palácio da Presidência, a primeira Conferência dos embaixadores da República da Guiné Bissau acreditados no estrangeiro. Esta importante reunião, a primeira depois da nossa total libertação, tem como objectivo informar aos nossos representantes no exterior, a situação da política interna do nosso país e a dinâmica da política externa da Guiné-Bissau, à luz das resoluções do III Congresso do PAIGC, realizado em Novembro passado.

Na tribuna de honra encontravam-se os camaradas Constantino Teixeira, Comissário Principal interino, Otto Schacht, Secretário do Conselho Nacional da Guiné, do PAIGC, Victor Saúde

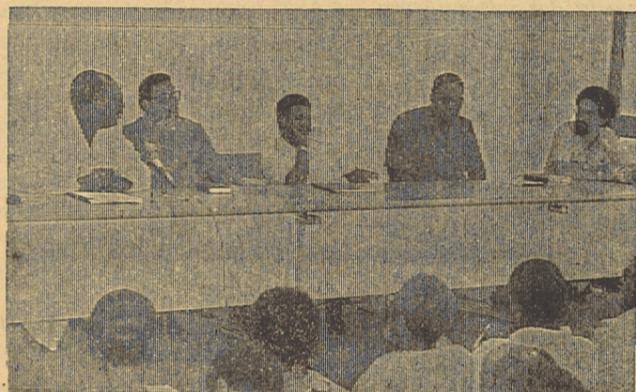
Maria, Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, que foi convidado a presidir a sessão de abertura, Joseph Turpin, Secretário de Estado das Pescas e o Secretário-geral do Ministério dos Negócios Estran-

geiros da República irmã de Cabo Verde, Camarada Jorge Carlos Fonseca. Também estiveram presentes à sessão, dirigentes do Partido e do Estado, embaixadores do nosso país acreditados em países amigos,

quadros do Comissariado dos Negócios Estrangeiros além de convidados.

Ao abrir a sessão os camaradas presentes renderam homenagem ao camarada Francisco Mendes guardando um minuto de silêncio. Seguidamente o camarada Joseph Turpin falou em nome dos participantes salientando que esta reunião ficará marcada na história da diplomacia guineense pois, é a primeira vez que os embaixadores do nosso país se encontram para debater problemas concretos quer a nível nacional, quer internacional.

Depois entrevistou o Comissário Principal interino Constantino Teixeira. Durante a sua breve alocução, o Comissário Principal interino



Aspecto da sessão de abertura do encontro de embaixadores

(Continua na pág. 8)

Constantino Teixeira assistiu à missa por alma do Papa Paulo VI

Uma delegação representativa do nosso Estado, chefiada pelo camarada Constantino Teixeira, membro da Comissão Permanente do CEL do Partido e Comissário Principal interino, assistiu no passado sábado, na sé catedral de Bissau, à mis-

sa de sufrágio por alma do Papa Paulo VI.

Integravam a delegação que tomou parte nessa cerimónia religiosa, dirigida pelo bispo de Bissau, D. Septimio Arturo Ferrazeta, os camaradas Fernando Fortes e Mário Cabral, Comis-

sários de Estado dos Correios e Telecomunicações e da Educação Nacional, Alexandre Nunes Correia, Secretário-Geral do Comissariado dos Negócios Estrangeiros e Alexandre de Carvalho, chefe do protocolo.

Congo

Presidente Opango denuncia vasta conspiração

BRAZAVILLE, 14 — O presidente Joachim Yhomby Opango denunciou ontem, na Rádio-televisão congoleza uma «vasta conspiração» contra a «segurança do Estado e as instituições revolucionárias», que foi tramada, precisou ele, «na noite de 13 para 14 de Agosto».

O chefe de Estado congole-

lês designou nomeadamente como autores da conspiração: Dieudonne Miakassisa, antigo presidente da Assembleia Nacional do Congo, Felix Mouzabakani, antigo comandante do Exército Popular Nacional, Bernard Kolela (estes dois últimos qualificados de reincidentes) e Fina Matsiona.

Entretanto, a República Popular do Congo festeja hoje o 15.º aniversário da sua Revolução.

De facto, a 15 de Agosto de 1963, uma revolta popular punha fim ao regime ditatorial de Fulbert Youlou, considerando-se esta data como o dia da Festa Nacional.

Juventude da Guiné voltou de Cuba

“O XI Festival reforçou os ideais de paz e de bem-estar dos povos”

— afirmou Chico Lúcio, da comissão política da JAAC

A nossa participação no XI Festival da Juventude e dos Estudantes permitiu-nos colher experiências que servirão para reforçar a nossa organização juvenil — declarou no sábado de manhã à nossa reportagem no aeroporto de Bissalanca, o camarada Chico Lúcio, da comissão política e responsável das Relações Exteriores da JAAC.

A delegação que representou a Guiné-Bissau nesse importante encontro mundial da juventude, e da qual fazia parte, como convidada de honra, a camarada Carmen Pereira, do CEL e Coordenadora Geral da Comissão Feminina do PAIGC, regressou a Bissau no voo da TAP, do fim de semana, após uma breve estadia de três dias na República irmã de Cabo Verde.

Falando da participação unitária dos 130 membros da comitiva da Guiné e Cabo Verde, Chico Lúcio adiantou: «Demos o nosso contributo nas diversas actividades do festival ao lado dos jovens progressistas de outros países, com toda a dignidade e empenho. Os conjuntos dos nossos dois países tiveram presença activa nas manifestações culturais e o «Okinka Pampa»

tomou parte na sessão inaugural. Conseguimos fazer um

trabalho digno da juventude da Guiné e Cabo Verde».

Segundo Chico Lúcio, o festival deu lugar a trocas de opiniões, reforçou entre a juventude as ideais de paz e do bem estar dos povos.

«O festival permitiu-nos também ver a força do movimento anti-imperialista no mundo e comprovar a justeza da linha política do nosso partido», acrescentou. O XI Festival da Juventude

(Continua na página 8)

Pág. 8

Vai iniciar-se o recenseamento geral da população

O "Nô Pintcha" deve sair à rua

Muitos são os temas que se abordam nesta coluna, mas raramente se fala do próprio jornal que a publica. Em linhas gerais, pode dizer-se que o «Nô Pintcha» tem por principal característica não surpreender os seus leitores. Quer dizer que as notícias variam, mas o tom mantém-se: um tom monótono, sempre igual. De vez em quando, é claro, surgem umas entrevistas que os dirigentes do Partido ou do Estado dão, quando partem para algum lado ou em circunstâncias idênticas. O quotidiano, a vida de todos os dias das populações do interior ou mesmo de Bissau, que, afinal, parece concentrar as atenções dos redactores do jornal, está longe das suas páginas. As próprias notícias de carácter oficial surgem com bastante atraso, quando toda a gente já sabe o que aconteceu, através da Rádio.

Aliás, a própria Rádio apresenta em muitos casos, notícias atrasadas que, às vezes, se podem ouvir, em primeira mão, na mesa do café.

Ora, a «informação de café» é, afinal, uma porta aberta aos «bocas-sinhos».

Cada vez que há um facio, uma discussão que se inicia, um processo que se abre, sobre os quais é preciso informar a população — e tudo o que se passa na nossa terra nos interessa! — deveria ter-se o cuidado de proceder de forma a que a nossa Informação não fosse ultrapassada pelas «bocas» de café.

Neste sentido, aqui fica uma sugestão, desta vez não directamente aos camaradas do «Nô Pintcha», mas aos responsáveis dos departamentos estatais: Porque não nomeiam alguém que, em cada departamento, fique responsável por centralizar a comunicação e informações para a rádio e para o jornal?

A leitura dos vários números do jornal leva-me a concluir que, na maior parte dos casos (excepção feita para os camaradas da Segurança quando se tratou de noticiar a operação «Lala Quema»), os repórteres do «Nô Pintcha» não têm conhecimento A Tempo do que se passa nos diversos departamentos de que depende a vida do nosso Estado.

Mas, camaradas, já que ninguém parece querer tomar a iniciativa, porque não a toma o «Nô Pintcha», contactando os departamentos no sentido de lhes expôr este problema?

Além disso, camaradas, saiam à rua, vão ao interior, publiquem mais reportagens. Assim poderemos ter um jornal mais directamente ligado à vida das pessoas.

MARIA NUNES

Pedido de Correspondência

Ainda do Brasil, recebemos outro pedido de correspondência. Trata-se de Marcos Vinicius C. de Oliveira, que pretende trocar selos com pessoas de todas as idades. Os interessados devem escrever para:

Marcos Vinicius C. de Oliveira
Rua Vahil Pereira 110, Apt.º 101
Coelho da Rocha — C.E.P. 25570
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Editado um livro sobre Desenvolvimento Económico e Comércio Internacional da Guiné-Bissau

Vai ser posto à venda esta semana, na Casa da Cultura, um livro intitulado «Desenvolvimento Económico e Comércio Internacional», do professor Mário Murteira, editado no nosso país.

Esta edição nacional é uma breve introdução a problemas actuais do desenvolvimento económico e da economia internacional. O texto baseia-se num curso de cerca de 20 lições realizado pelo autor, em Bissau, de Dezembro de 77 a Fevereiro deste ano, integrado no programa de assistência técnica da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento

(CNUCED) em curso na Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Os diversos capítulos que constituem esta obra editada pelo Departamento da Edição e Difusão do Livro e Disco compreendem o processo de desenvolvimento e comércio internacional, a contabilidade nacional, análise da balança de pagamentos, o sistema monetário internacional e as empresas transnacional.

Chama-se a atenção do público em geral para o interesse desta obra no aprofundamento dos conhecimentos sobre a política comercial no quadro da nossa estratégia de desenvolvimento.

Técnicos portugueses discutem contratação de professores

Com a missão de contactar a Direcção-Geral da Cooperação Internacional, a respeito da contratação de professores portugueses para os nossos estabelecimentos de Ensino, encontrou-se desde sábado em Bissau uma delegação de três membros do gabinete coordenador de Cooperação de Portugal.

Durante a sua estadia, de cerca de uma semana, a de-

legação portuguesa será recebida pelo Comissário de Estado da Educação Nacional, camarada Mário Cabral. Está também em Bissau, um membro do CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral), que veio recolher dados sobre a Guiné-Bissau, para uma futura campanha de informação e sensibilização em Portugal sobre as realidades do nosso país.

Comissário Principal interino felicita o novo Primeiro-Ministro português

Por ocasião da nomeação de Alfredo Nobre da Costa para o cargo de Primeiro-Ministro da República Portuguesa, a camarada Constantino Teixeira, membro da Comissão Permanente do CEL do Partido e Comissário Principal interino, do Conselho de Comissários de Estado, enviou um telegrama de felicitações ao seu homólogo português.

Neste telegrama, o cama-

rada Constantino Teixeira, depois de formular votos de felicidades para Alfredo Nobre da Costa neste seu novo cargo, associa igualmente «os votos de progresso e prosperidade para todos os povos amantes da paz, principalmente para o povo português» e renova os desejos «fervorosos de continuar a construir a todo o momento um espírito de cooperação entre os nossos povos».

Novas tabelas de taxas postais e das telecomunicações

Na sua sessão de 18 de Julho de 1978, o Conselho de Comissários de Estado aprovou as novas tabelas de taxas postais e de telecomunicações, a serem aplicadas no país a partir de hoje. O Comissariado de Estado, dos Correios e Telecomunicações avisa ao público em geral que quaisquer informações relacionadas com as alterações das taxas poderão ser fornecidas através dos Serviços de Exploração, das Telecomunicações.

Assim, as taxas mínimas para as cartas, regime interno, passarão, para 3 pesos e meio, internacional sete pesos, bilhetes postais dois pesos e meio e cinco pesos, impressos dois pesos e qua-

tro pesos, jornais um peso e dois pesos, pacotes quatro e oito pesos, registos 14 e 28 pesos. As taxas telegráficas mínimas serão, para telegramas ordinários taxa fixa 25 pesos, urgente, do bro. As conversações urbanas passarão a custar três pesos, as interurbanas 75 pesos por três minutos, as conversações urgentes custarão o dobro. Por fim, as taxas telegráficas e telefónicas para Portugal 100 pesos e 55 pesos por minuto, Cabo Verde sete pesos e 40 por minuto, e países vizinhos 17 pesos e 44 por cada minuto.

Problemas aduaneiros

Problemas referentes às actividades aduaneiras de Farim, foram discutidos numa reunião que o camarada Adelino Mano Queta, director-geral das Alfândegas teve com os funcionários alfandegários locais. Este camarada foi recebido pelo camarada Irénio de Nascimento Lopes, membro do CSL e presidente do comité de Estado da região de Oio.

Inchalé

Reorganização do Comité de Base

A reorganização do comité de base, foi um dos principais problemas debatidos numa reunião que teve lugar na secção de Inchalé com a população local. Esta reunião foi presidi-

da pelo camarada Armando Barreto Forbs, presidente do Comité de Estado do sector de Mansoa, que se tinha deslocado a essa localidade para averiguar o andamento da lavoura. Es-

tavam ainda presentes na referida reunião, os camaradas Paulo Sanca e Joaquim da Costa, respectivamente, responsável político e responsável da Segurança local.

Responde o Povo

Qual a sua opinião acerca da cultura nacional?

Ainda na sequência do «Responde o Povo» que fizemos para que as pessoas sugerissem temas para estas colunas, saímos hoje com uma questão, que também foi uma sugestão de um inquirido.

Como sabemos, o factor cultural, desempenha um papel preponderante para o desenvolvimento de um povo. Tendo sido um país duramente colonizado, a Guiné-Bissau assim como todos os povos, não deixa de ter a sua cultura própria. Muitos são os factores que podem contribuir para o seu maior ou menor avanço. Acerca disto duas pessoas respondem a uma simples questão: Qual a sua opinião acerca de Cultura Nacional?

REENCONTRAMOS A NOSSA CULTURA

Domingas Sambú, 39 anos, empregada de balcão — Falar da nossa cultura é

uma coisa de grande responsabilidade. Acho que é de responsabilidade porque, para falarmos da cultura na nossa terra, temos que citar factos passados, e

muitas vezes pode-se estar errado num determinado assunto, às vezes até por uma má interpretação dos factos. Mas, de uma maneira geral, penso que a cultura é um factor determinante no avanço de um povo. No nosso caso concreto, penso que demos um passo enorme. Reencontrámos a nossa verdadeira cultura. Uma cultura africana que serve os nossos interesses, e que vai de encontro às realidades do nosso povo. Mas, que mesmo assim, penso poderíamos estar mais avançados culturalmente. Pois

há jovens que não se interessam nada com o que se passa no nosso país.

A nossa juventude é que deve ser o alicerce na reconstrução da nossa sociedade. Com isto, não estou a atribuir directamente a culpa aos jovens, porque talvez com um pouco de incentivo podiam dar mais do que dão presentemente. Vemos jovens a dar aulas nos liceus, na campanha de alfabetização e em muitos outros domínios.

O que vai poupar ao nosso Estado o dispêndio de divisas em contratar pro-

fessores e cooperantes estrangeiros. Apesar dos professores serem numa maioria cooperantes estrangeiros, penso que vamos superando estas dificuldades pouco a pouco. E penso que esta situação está prestes a ser resolvida com a vinda dos professores e outros quadros nacionais que se encontram fora em estágio.

OS JOVENS TÊM UM PAPEL FUNDAMENTAL

Tito Sana, 17 anos, estudante — A meu ver, penso que a nossa juventude deve dispensar uma grande aten-

ção aos problemas culturais da nossa terra, para que desta forma possam ajudar no seu avanço.

Como sabemos, a nossa cultura estava inclinada aos interesses dos colonizadores, que não visavam os interesses do nosso povo. Portanto, agora que somos livres, temos que pegar no pouco que temos para que consigamos avançar servindo a nossa sociedade e os interesses do nosso povo.

Os jovens da nossa terra têm um grande papel a desempenhar nesta fase em que nos encontramos.

Balço da primeira sessão da CEDAC

As soluções a pôr em prática devem rejeitar os moldes clássicos de livre concorrência

No final da primeira sessão da Comissão de Estudo e Desenvolvimento da Aviação Civil (CEDAC), cujos trabalhos tiveram lugar em Maputo (11 a 17 de Julho), Luanda (19 a 23 de Julho), S. Tomé (24 a 28 de Julho), Sal (29 de Julho a 1 de Agosto) e Bissau (2 a 11 de Agosto), os delegados dos cinco países, depois de estudo sobre as possibilidades de cooperação no domínio da aviação civil, a estratégia de desenvolvimento das capacidades dos transportes aéreos e o estabelecimento das ligações aéreas adequadas entre os cinco países, concluíram que se deve preferir a utilização conjunta de meios, em vez de estabelecer acordos comerciais de tipo concorrência.

Com a utilização conjunta de meios, visa-se o desenvolvimento acelerado das capacidades nacionais, de forma a que os investimentos em meios materiais e humanos tenham rentabilidade imediata.

É de salientar, no entanto, que outros pontos da agenda de trabalho foram remetidos para um posterior estudo por parte de cada delegação, para que na próxima reunião da Comissão, que terá lugar na primeira quinzena de Dezembro, possivelmente em Bissau, sejam retomadas as discussões sobre os mesmos.

COMPETE-NOS PROMOVER O REAL DESENVOLVIMENTO DOS NOSSOS PAÍSES

De acordo com o documento final da primeira sessão, divulgado durante o jantar de despedida, realizado na passada sexta-feira no Hotel 24 Setembro, os delegados concordaram em que o mandato que lhes fora cometido se torna bastante complexo devido ao desequilíbrio existente entre os cinco países e à carência generalizada de meios humanos e materiais para a implementação das ligações entre os nossos países.

Por outro lado, conforme o documento, as soluções a pôr em prática devem rejeitar os modelos clássicos da livre concorrência a favor de formas novas de cooperação.

«Se aquilo que ficou não serve, compete-nos criar juntos o real desenvolvimento dos nossos países», salientaria o camarada Rui

Barreto, referindo-se às nossas fracas possibilidades actuais no domínio da aviação civil.

DESEQUILÍBRIO ENTRE OS CINCO PAÍSES

Fazendo o balanço da CEDAC, o camarada Mário Ribeiro, frisou que os resultados são positivos, porque serviram para tirar algumas conclusões sobre diversos aspectos em que deve assentar a cooperação e a estratégia a adoptar para fazer face às situações engendradas pelo desequilíbrio das capacidades dos cinco países no domínio da aeronáutica civil.

Perante tal situação, impõe-se à CEDAC as seguintes questões: como encarar a cooperação no domínio da aviação civil entre os nossos países e quais as bases em que ela deve assentar nos vários aspectos em que se vai manifestar; qual a estratégia de desenvolvimento das capacidades nos transportes aéreos que conduza à sua autonomia e auto-suficiência e que, em conjunto, reforce a sua independência económica em relação a terceiros; como controlar os objectivos comerciais para evitar que estes venham a sobrepôr-se às perspectivas de cooperação apontadas pelos nossos Partidos e Governos; como estabelecer as ligações aéreas adequadas entre os cinco países, com eficácia e rentabilidade, de forma a garantir a sua continuidade e desenvolvimento harmonioso.

Depois de analisadas as referidas questões, os delegados constatarem a existência de diferenças de capacidades materiais entre os nossos países e a inexistência de cooperação, salvo nalguns casos em que esta se processa bilateralmente.

«A cooperação deve assentar sobre a base da militância e sob a supervisão dos nossos governos», salientou Mário Ribeiro, que acrescentou que existe necessidade de promover intercâmbios para a formação de quadros.

O porta-voz da CEDAC sublinhou ainda que existe uma carência generalizada de quadros, sobretudo médios, o que de algum modo

difículta uma série de iniciativas com vista à implementação da cooperação.

No que se refere à ligação aérea entre os cinco países, foi recomendado o estudo das possibilidades pelas diferentes empresas.

A prevenção de fraudes com bilhetes internacionais mereceu também atenção da CEDAC. Para o efeito, o Secretariado, decidiu constituir um grupo que será formado pelo conjunto de um ou dois camaradas de cada país. Prevê-se que esse grupo se reúna dentro de dois meses em Maputo.

«Tendo em conta que a Guiné-Bissau já criou a sua companhia de transportes aéreos (LIA) vamos ter que emitir bilhetes. Contamos por isso aproveitar a experiência de Angola e Moçambique para evitar casos que possam dificultar o nosso trabalho», informou-nos o camarada Mário Ribeiro, para afirmar que a fraude com bilhetes causa graves prejuízos à economia de um país. Neste aspecto, o nosso país vai formar quadros capazes de detectar esse tipo de sabotagem.

Por outro lado, espera-se assinar um acordo-tipo que sirva de base ao estabelecimento da cooperação, na próxima reunião da CEDAC. Nesta sua primeira sessão, a Comissão efectuou o estudo preliminar sobre o referido documento.

ADOÇÃO DE UM MODELO ANALÍTICO COMUM DE CUSTOS

Segundo o porta-voz da CEDAC, durante a primeira sessão foram também estudadas as possibilidades de estabelecimento de voos não regulares.

Foi adiado o estudo da harmonização dos regulamentos nacionais de cada país. Prosseguirá a troca de experiências em curso, com vista à elaboração de um regulamento comum para aplicação de todos os países, no todo ou em parte.

Foi igualmente abordada a definição do modelo analítico de custos, as bases dos níveis tarifários, os custos de contratos e de prestações de serviço. «Verificamos que, presentemente, as nossas empresas nacionais não seguem um modelo unitário para cálculo dos seus custos operacionais, de manutenção e comerciais», sur-

blinhou o camarada Mário Ribeiro.

«Julgamos que a adopção de um modelo analítico de custos — frisou ainda — que sejam comum aos nossos países, vai constituir um vínculo muito forte no contexto da cooperação».

Este ponto não teve resolução. O secretariado da CEDAC encarregou-se de apresentar uma hipótese aplicável às diferentes condições, para, em conjunto, e à luz de soluções analisadas pelos cinco países, ser apreciado por um grupo técnico que se debruçará sobre o assunto.

Quanto ao estudo e determinação de limites tarifários, ficou decidido estudar as tarifas aplicadas em linhas paralelas nas regiões vizinhas dos cinco países, com base nos trabalhos realizados por diversos organismos internacionais, bem como as tarifas aplicadas por outras empresas que exploram rotas paralelas (Tap, Aeroflot, Air Algerie).

TROCA DE ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO

A definição de elementos de informação a serem trocados entre as várias autoridades aeronáuticas e empresas mereceu também a atenção da CEDAC. A troca que vai começar brevemente será estabelecida sobre informações de tipo convencional, estatística, fraudes, horários, rotas, regulamentos e legislação sobre o código de aviação civil, planos de formação, aquisição e preços de equipamentos, sistemas de prevenção de incêndios e coordenação das escolhas de frequências para o controlo comercial.

Outros pontos foram remetidos para uma futura discussão, entre os quais, o programa de exploração e o artigo que trata da concessão de direitos, transferência de resultados e isenção de impostos sobre o rendimento. E também o anexo do acordo, que terá que ser refeito de novo para obedecer aos seguintes aspectos: designação das empresas, quadros das rotas, direitos de troca de cada empresa e reserva em relação a pontos intermédios.

«Cada delegação vai fazer o balanço de todas estas questões para se efectuar a sua compilação na próxima reunião», disse a concluir o camarada Mário Ribeiro.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

O isolamento cada vez maior das forças inimigas, o qual exige todavia o desenvolvimento urgente de meios eficazes contra os aviões, impõem-se como medidas indispensáveis para acelerar a destruição total destas forças. Este isolamento provoca desgastes físicos e morais entre as tropas e torna menos difícil a nossa acção contra os quartéis fortificados.

É no decorrer de emboscadas e ataques de surpresa, efectuados principalmente nas zonas em litígio, que nós infligimos com vantagens baixas às forças inimigas e destruimos mais material. Realmente, as tropas colonialistas raramente se aventuram em incursões nas nossas regiões libertadas; por isso, temos ainda possibilidade de desenvolver amplamente a nossa acção militar no plano da guerra de guerrilha.

Vários recontros têm lugar quotidianamente nas regiões de Cantchungo (oeste), S. Domingos, (Norte Oeste) e Bafatá (Centro-Norte) assim como na região de Nhacra (a trinta quilómetros de Bissau, entre esta cidade e Mansoa), onde instalámos um novo centro de luta há cinco meses, destruindo os planos inimigos pela presença activa das nossas forças nos arredores da estrada alcatroada que é um dos elementos essenciais do complexo estratégico português. Por meio de emboscadas contra transportes do inimigo, de ataques contra as suas posições não operacionais e de sucessivas acções quando se retira, infligimos-lhe pesadas baixas em vidas humanas e material.

Unidades móveis do nosso exército regular efectuaram incursões contra as posições inimigas, nas zonas de S. Domingos, Cantchungo, Suzana, Ngoré, Djol, Tchuro e outras. A própria cidade de Bolama, situada na ilha do mesmo nome, foi atingida pela primeira vez pelo fogo dos nossos morteiros.

Com a extensão da luta a todo o país e a intensificação da nossa acção nas regiões ainda não libertadas, a pressão portuguesa nas nossas regiões libertadas diminuiu de maneira considerável. As tentativas feitas pelas forças coloniais saldaram-se por derrotas ou por retiradas precipitadas. Nomeadamente no sul do país, as nossas forças infligiram baixas importantes às tropas inimigas vindas de Bissau, Bolama, Catió e outros centros as quais tentavam desembarcar e fixar-se nas zonas costeiras de Cubucaré, Quinara e Quitafine, principalmente. Reforçámos o nosso sistema de defesa por uma melhor utilização das armas pesadas nos portos e outros lugares susceptíveis de desembarques, por uma melhor repartição de patrulhas e postos de vigilância, e pela criação de corpos de auto-defesa. Podemos afirmar que presentemente qualquer tentativa do inimigo para a recuperação das nossas regiões libertadas redundará em derrota ou custar-lhe-á um preço ainda mais elevado do que aquele que já pagou, em vidas e material quando da invasão da ilha de Como em 1964.

Em qualquer parte do território, nós estamos lá. No Nordeste, no Leste, no Sul, há muitas regiões em que o inimigo não ousa penetrar, em que o poder somos nós. Nas regiões em que o inimigo ainda está, o espaço político e militar que ele controla é cada vez menor. As zonas rurais estão quase totalmente controladas pelos guerrilheiros, aperta-se o cerco à volta das cidades, aperta-se o cerco na «Linha de Vida» do regime ilegal. É essa a situação de guerra na ex-colónia britânica da Rodésia do Sul, de acordo com a descrição feita por responsáveis político-militares do Exército Popular da Frente Patriótica à revista moçambicana «Tempo». Nela interveio parti-

cularmente um elemento do Estado Maior da Frente Patriótica.

Desse encontro ressalta como bem evidente o carácter vitorioso da luta Armada de Libertação Nacional imposta pelos combatentes da Frente Patriótica e, subsequentemente, a proximidade do total colapso político-militar do regime ilegal.

Igualmente de particular interesse nesta entrevista é o historial das relações históricas dos combatentes com os donos de terras e os missionários, as razões que presidiram ao início dos ataques às quintas dos colonos.

EM QUALQUER PARTE DO TERRITÓRIO, NÓS ESTAMOS LÁ!

— Entrevista com responsáveis político-militares da Frente Política do Zimbabwé

O avanço da libertação do Zimbabwé é imparável (Foto ADN)



P. — Quais são as zonas militares em que o regime de Smith ainda a resiste?

R. — Entre 1975 a 1978 demoramos grande desenvolvimento à luta. Hoje, podemos penetrar no Zimbabwé através de qualquer ponto.

Portanto, desde então, temos actuado através de todas as províncias, Noroeste, Leste e Sul, penetrámos muito profundamente no país, estamos a actuar na «linha de vida do inimigo».

Sem mencionar detalhes sobre batalhas nesta área, gostaria de explicar o que quero dizer com «linha de vida». Ouviram falar sobre o caminho de ferro entre Gatooma e Umsweswe. Ouviram falar bastante destas destruições?

Os pontos fortes do inimigo é Salisbúria, Gwelo, Umtali, Fort Victoria. Entre estes pontos estratégicos, podemos entrar e sair. Mas nós lutamos essencialmente no campo.

P. — Porquê?

R. — Porque o inimigo é fraco no campo. Temos de destruir os pontos mais fracos do inimigo e assim cercar os pontos mais fortes. O inimigo é poderoso em Salisbúria, em armamentos, em segurança e em homens. Não se pode ir directamente ao seu encontro a não ser que se queira perder homens.

Nós não queremos perder os nossos homens, queremos lutar e sobreviver para consolidar a nossa luta, e assim não atacamos Salisbúria. Só se ouve falar de algumas bombas em Salisbúria e outro tipo de sabotagem, pois aí nós temos de combinar a luta no campo e a luta urbana. Temos que manter alguma actividade também lá, nas cidades. Para nos consolidarmos, temos de consolidar o campo.

Em toda esta área não há um único local onde o inimigo possa dizer que não

nós encontrou. Estamos sempre em «contacto». Estamos agora na última fase, a que chamamos a fase decisiva, o que quer dizer que devemos agora consolidar o poder político.

Penso que ouviram o Presidente Mugabe quando, como comandante-chefe, ele veio, em princípios deste ano, dar-nos uma tarefa: consolidar o poder político. Quer dizer, criar áreas políticas de base e consolidá-las. Desde essa altura, as forças da ZANU assumiram esse «desafio» e estamos a conseguir alguns progressos. Temos estado a operar em profundidade, e continuámos a consolidar o poder político.

Quando o Presidente diz que este ano é o Ano do Povo isto significa que o povo deve decidir, tomar as suas próprias decisões de vencer ou falhar. Se vamos vencer temos de consolidar o poder político, que é o que estamos a fazer neste momento.

Eles diriam: não, eles andam ao longo da fronteira, lutam a partir de Moçambique e retiram-se imediatamente para Moçambique...

P. — Temos aqui um jornal rodesiano de Maio deste ano com um artigo sobre um comício que falhou, e em que estavam presentes Smith e Sithole. É o comício de Wedza...

R. — Poder ver na fotografia que esse terreno foi preparado para um grande

comício. Podemos ver como está organizado. Aqui deviam ficar os fantoches, e a segunda mesa para os chefes secundários, ali. Este terreno deveria estar cheio de gente, mas podemos ver que só estão aquelas pessoas. Se o lerem, veriam que estava prevista uma multidão de mil pessoas mas, em certa altura do comício havia uma audiência de menos de 100, e estimativas da polícia no final do comício calculavam a multidão em mais de 500 pessoas.

Dizia-se que o comício não teve sucesso porque estava infestado de guerrilheiros. Aqui é Wedza, por que falhou?

Porque toda a área está infestada de soldados, é o que diz o artigo. Mas vêm que estamos a falar aqui somente de Wedza. Eles não puderam realizar este comício simplesmente por causa disso. Isto mostra que as massas estão connosco. Eles dizem que o local foi atacado somente 14 horas antes, o que é mentira. Não se pode atirar morteadas num terreno aberto, é o que eles estão aqui a tentar surtir. Eles dizem que o terreno foi atacado 14 horas antes.

P. — Mas o comício foi realizado?

R. — O comício nunca chegou a ser realizado, isto é simplesmente uma farsa, pois as pessoas só apareceram para ver o que se

passava. Eles não puderam realizá-lo somente por causa da nossa presença, não só como combatentes, eles não podiam ter sabido se o inimigo viria nessa altura, tratase de informação das massas. Isto mostra que as massas estão bem organizadas. Isto é que é importante, e cito-o como um exemplo.

Da última vez, eles disseram que depois de Smith, Sithole e Chirau terem realizado um comício em Murewa, iriam organizar outros comícios. Talvez porque as forças populares os tenham posto em cheque, os comícios pararam. Mas Smith, Sithole e Chirau tiveram somente 200 pessoas para os ouvir em Murewa. Isto demonstra que temos as massas connosco, o povo connosco. Podemos ver milhares de pessoas presentes aos comícios dos combatentes da liberdade.

Mas o autodenominado dirigente Smith pensa que é um dirigente nacional. Sithole, Smith e Chirau também pensam ser dirigentes nacionais. Estão a ver, realizam um comício comum e conseguem a presença de somente 200 pessoas.

Passa-se o contrário com os combatentes da liberdade, que quando organizam um comício, têm presença de milhares de pessoas. Por aí se vê tudo. Eles são as verdadeiras forças, os dirigentes, eles são os dirigentes nacionais. Podemos ver

a diferença.

P. — Qual é o princípio que dirige a vossa actuação em relação às «aldeias protegidas»?

R. — Bem, quando nós começamos no Nordeste, o inimigo não sabia que nós vínhamos. A nossa estratégia era ir ao interior e mobilizar as massas. Em segunda fase recrutar e depois lutar. Nós sabíamos que, quando iniciámos a luta, teríamos necessidade de reforços. Por isso pusemos a politização, a educação política das massas em primeiro lugar. Depois o recrutamento, depois a luta.

E foi isso que fizemos. Primeiro, mobilizar as massas. Na altura em que começámos a luta «já lá estávamos».

E o inimigo fez uma previsão errada. Quando, em 1972, nós atacámos Centenary, eles disseram que nós tínhamos voltado para Moçambique no dia seguinte, depois do ataque. Logo a seguir nós atacámos Bindura, e depois Mbukunes. Então aí eles compreenderam, que em vez de termos voltado para trás nós estávamos a avançar.

Mas nós não poderíamos ter feito isso sem o apoio das massas. Quando fizemos esse ataque já lá tínhamos as armas. Levámos quase um ano, a transportar para lá as armas, todo o material. Antes de começar a luta.

Foi compreendendo que tínhamos o apoio das massas que o inimigo reagiu tentando meter todas as pessoas naquilo a que chamou de «aldeias protegidas».

Mas nós estávamos nesse trabalho de mobilização. Muitos dos que foram levados para essas «aldeias protegidas» eram nossos homens. Eles eram filhos do povo, foram juntos. Então a educação política começou dentro das próprias aldeias...

Nas «aldeias protegidas» fizeram como o Arriaga fez nos aldeamentos aqui em Moçambique. Punham o quartel no meio, as aldeias à volta. Isto para que, quando nós quiséssemos atacar os quartéis, tivéssemos que

atacar as massas. Não cometemos esse erro. Tínhamos contacto com os aldeamentos, vamos pelos aldeamentos, atacávamos o quartel.

Aí, o inimigo ficou confuso. E os aldeamentos estão todos. Foi a partir disso que começaram os massacres sobre as aldeias.

Mas não conseguimos da. Quando as massas mobilizadas elas começaram a política do Movimento de Libertação. Não demoraram a ser levadas para o lado, porque estavam em nós. Por isso a preocupação de intenso trabalho político de começarmos em qualquer região, desse trabalho as podem continuar a

P. — E qual a razão que vocês começaram a atacar as quintas dos colonos?

R. — A estratégia do inimigo directo, a estratégia comum de Vorster e Smith. É que Smith fez o que tanto tentou fazer em Moçambique em zonas onde começou a guerra.

As zonas de colonos, para eles próprios defender o território, dificultaram o avanço da guerrilha. Queriam as zonas de colonos de segurança. Juraram que as quintas puseram os seus homens. Smith fez isso da zona entre Salisbúria e o Monte Darwin.

meio problema para que para fazer isso que dividir as suas

Depois, para mobilizar essas forças, nós fomos a pôr minas. A parte mínima delas. Por isso as suas tropas podem mover, e vamos por não conseguirmos fender as quintas, resolveram colocar em quinta uma força de 15 a 20 homens.

Então eles começaram a fazer-nos emboscadas, peravam-nos nas estradas, emboscavam-nos.

Foi quando começamos que era desses fracos que o inimigo atacava. E que se nós atacássemos as quintas atacaríamos os pontos

«Há regiões em que o inimigo não ousa penetrar...» (Foto ADN)

XI Festival da Juventude e dos Estudantes (1)

O Nô Pintcha inicia hoje a publicação de vários artigos relatando os acontecimentos que marcaram, de 28 de Julho a 5 de Agosto, na capital cubana, toda a magnitude da confraternização e da solidariedade da Juventude mundial. Especial referência será feita à participação, nesses acontecimentos, da juventude da Guiné e Cabo Verde na reunião magna dos jovens anti-imperialistas e amantes da paz.

De salientar que limitações de vária ordem impediam o nosso enviado de fazer acompanhar de perto, os leitores do «Nô Pintcha» os grandiosos acontecimentos de Havana.

Foram nove dias de festa em Cuba inteira onde cada cubano representava um activista do festival. Mas os grandiosos momentos foram vividos na cidade de

reunião, que decorreu na bela e multicolor cidade de Havana.

Milhares de vozes levadas pelos jovens progressistas de todas as partes do

ração do homem pelo homem.

O acto inaugural foi presidido pelo comandante em chefe Fidel Castro, Primeiro Secretário do Comité Central do Partido Comunista, e presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros de Cuba. Nele usaram de palavra o Segundo Secretário do Comité Central do Partido, General do Exército Raúl Castro, e Alain Gresh, secretário coordenador do CIP. O povo cubano saudou calorosamente os delegados de todos os países, durante o

decorreu um impressionante acto de ginástica massiva, na qual se intervieram milhares de crianças e jovens, um coro de duas mil vozes, uma banda gigantesca e um painel humano que, na bancada em frente à tribuna de honra, formava as mais variadas figuras alusivas ao festival, com livros abertos.

O segundo dia do festival, o dia 29 de Julho, foi marcado pelas mais diversas inaugurações de centros e círculos internacionais de debates políticos permanentes, tais como os da solidariedade anti-imperialista dos estudantes, dos amigos das crianças, dos jovens artistas, do desporto e outras actividades. Um dos mais destacados foi o Centro internacional de solidariedade anti-imperialista que foi inaugurado no «hemiciclo Camilo Cienfuegos da Academia de Ciências, por José Benavente, seu presidente e pelo representante do Chile na Comissão Permanente do Comité Internacional Preparatório.

Foi neste centro que se desenvolveram as actividades do tribunal internacional «A juventude acusa o imperialismo». Além do mais levaram-se a cabo no CIS, outras actividades em que tomaram parte destacadas personalidades da política, arte e ciências de todo o mundo. Por outro lado, nas exposições foram mostradas fotografias testemunhais, artigos artesanais realizados por presos políticos, fotos das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki quando nelas foram lançadas as bombas atómicas; as lutas dos povos da África e do Médio Oriente, de Cuba e a sua revolução.



cos do inimigo, que eram esses.

Foi quando começámos a atacar esses lugares. Se um colono tinha na sua quinta esses terroristas, nós atacávamos esse local. Não tínhamos outra alternativa. Íamos lá e bombardeávamos os pontos fracos.

Deixámos sempre bem claro: a nossa política é não matarmos ninguém que não nos atacar. Não nos interessa a sua cor. Mas, qualquer pessoa que nos aponte uma espingarda é o nosso inimigo principal.

P. — Mas não há colonos que vos apoiem?

R. — Sim, houve e há. Por exemplo, o nosso sucesso militar na região do Nordeste foi em muito, devido à colaboração de muitas pessoas fora da organização, como colonos, professores, missionários. Ajudaram-nos muito.

P. — E como surge a acusação de que vocês atacam missionários?

R. — Essa é uma acção dos «Sellous Scouts». Eles vestem a farda dos guerrilheiros, usam as nossas armas, cantam as nossas canções, vão às aldeias, dizem que são guerrilheiros, que vêm de Moçambique. Depois separam aqueles que eles sabem que colaboram com os guerrilheiros, põem-nos perante as massas e dizem: «estes são agentes de Smith. Vamos fuzilá-los». As massas ficam confusas, reagem perguntando: «Mas como? Foram esses que nos mobilizaram, que nos explicaram tudo, são eles que nos organizam...» Eles dizem: «Não, vocês foram enganados. Amanhã não de ser todos presos». E fuzilam-nos.

E fazem o mesmo com os missionários, e com todos os que nos apoiam. Como

aconteceu recentemente com aqueles elementos da Cruz Vermelha.

Eles mataram-nos porque sabem que nós temos o apoio da Cruz Vermelha. Matam os missionários porque sabem que temos o apoio do Conselho Mundial das Igrejas. Matam-nos para depois eles nos virem perguntar: «Então nós damos-nos o nosso apoio e vocês matam-nos?»

Tenho a certeza de que nenhum combatente poderia matá-los. Todos sabem bem o apoio que nós tivemos da Cruz Vermelha. Dão-nos carros, medicamentos, tudo. Todos os combatentes o sabem, e temos tido o cuidado de dar a conhecer entre os guerrilheiros os que são nossos amigos.

Lançar a confusão, descreditar-nos perante as massas e os que nos apoiam, é a tarefa deles.

P. — Como se desenvolve o processo de libertação?

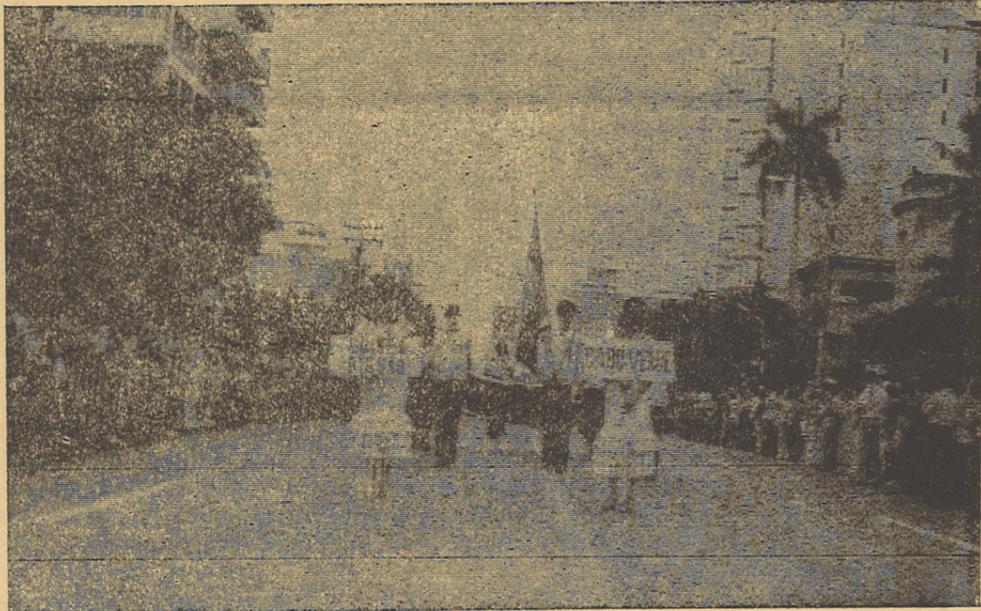
R. — Temos áreas libertadas — onde o inimigo já não está, onde impomos a nossa linha política, — e zonas operacionais — onde combatemos, estamos lá, cercando, encurralando e combatendo, o inimigo.

Nas zonas rurais, em todo o Nordeste, em todo o Leste, em todo o Sul — nós estamos lá.

E em todas essas regiões há áreas onde o inimigo já não pode penetrar. Na área de Wedza, daí por toda a região do Leste, há muitas zonas onde estamos só nós — nós e as populações.

No Nordeste, cada vez estão mais reduzidas as zonas de presença inimiga. Reduzimo-las cada dia. Se essa é uma região, onde o inimigo ontem ainda estava, hoje nessa região ele ocupa uma

(Continua na pág. 8)



No desfile inaugural a caminho do Estádio

Havana, sede do XI Festival, e capital do primeiro país socialista das Américas. Foram nove dias de alegrias incontidas, brotando dos corações dos jovens de todos os recantos do planeta; nove dias em que jovens das mais diversas tendências políticas, ideológicas e crenças religiosas, reunidos em torno dos mesmos ideais de luta «pela solidariedade anti-imperialista, a paz e a amizade». Foram nove dias de uma profunda reflexão sobre os problemas políticos, económicos, sociais e culturais que atormentam a humanidade inteira; dias inesquecíveis, e que jamais se apagarão da memória desta nova geração do século 20, e que servirão de alicerce seguro de luta para as gerações vindouras, na construção de um mundo novo, de paz e de felicidade para todos os homens.

Difícil será para qualquer testemunha ocular que seja, reproduzir em palavras, as memórias ainda vivas dos recentes nove dias que, no nosso caso, os jovens da Guiné e Cabo Verde, engajados em torno da sua organização de vanguarda, a JAAC, Juventude Africana Amílcar Cabral, viveram na Cuba socialista, na magna

globo, uniram-se numa só, em torno do povo cubano, o obreiro do festival, no primeiro país livre do continente americano, em aclamação universal do seu desejo de lutar cada vez com mais afinco pela paz e a amizade entre os povos, na certeza da vitória sobre o imperialismo, o colonialismo, o neo-colonialismo, o racismo, o sionismo, o apartheid, e sobre todas as formas de subjugação e exploração

de Havana. A inolvidável cerimónia de inauguração que contou entre outros aspectos com o hastear da bandeira do XI Festival e o acender da chama da amizade, este último a cargo do bicampeão olímpico em atletismo e delegado cubano ao encontro juvenil mundial, Alberto Juantorena.

Todos esses acontecimentos tiveram lugar no Estádio Latinoamericano, onde



Na foto parte da delegação da Juventude da Guiné-Bissau

Campeonato de defeso em Bandim 2

● "Bô na Gosta" comanda a classificação

Decorre no bairro de Bandim 2, desde o passado dia 7, um campeonato de defeso organizado pelo Comité do Partido local em colaboração com a Federação Nacional de Futebol, contribuindo esta última com o fornecimento de árbitros estagiários para dirigirem as partidas.

Este campeonato, destinado só aos jovens do bairro organizador e que conta com a participação de seis equipas, respectivamente Bô na Gosta, Udak de Cobóm, Futebol Clube de Pulgas Pamparida, os Djagras e Futebol Clube Djorçon, já cumpriu a sua segunda jornada.

Os jogos realizam-se todos os fins-de-semana no «Estádio Cacoma» de Bandim de Baixo, com início às 17 horas aos sábados e 8

horas aos domingos.

Nos jogos da segunda jornada a equipa de Bô na Gosta derrotou «team» dos Pamparidas por duas bolas sem resposta, enquanto que a formação da Udak de Cobóm empatou com a dos Djágras por uma bola. A turma do Futebol Clube dos Pulgas empatou por seu lado com a formação do Futebol Clube de Djorçon por duas bolas. Na jornada inaugural verificaram-se os seguintes resultados: Bô Na Gosta, 2 — Djágras, 1 e Udak de Cobóm, 2 — Futebol Clube de Pulgas, 1.

Depois da segunda ronda a classificação ficou assim ordenada: 1.º — Bô Na Gosta com 4 pontos, 2.º — F.C. Djorçon com 3 pontos, 3.º — Udak de Cobóm também com 3 pontos, 4.º Os Djágras com 1 ponto,

«Spartaquiadadas,, da URSS em Julho de 1979

MOSCOVO 5 — As finais da sétima «Spartaquiadadas» de verão dos povos da U.R.S.S. em 1979 realizar-se-ão quase no mesmo prazo que os Jogos Olímpicos de 1980. Os desportistas de 100 países serão convidados para as finais das «Spartaquiadadas», cujo programa com-

portará 30 provas desportivas.

A abertura solene das «Spartaquiadadas» terá lugar a 21 de Julho no estádio central Lenine de Moscovo que será modernizado. A cerimónia de encerramento dos jogos efectuar-se-á no dia 5 de Agosto no mesmo estádio.

Leis de futebol

«Número de jogadores»

Continuação da lei III

DECISÕES DO INTERNACIONAL F. A. BOARD

1.º O número mínimo de jogadores de cada equipa depende do critério, das federações nacionais.

2.º O «Board» é de parecer que não deve ser considerado regular o encontro em que uma das equipas tiver menos de sete jogadores.

3.º No caso de uma competição, pode especificar-se que o árbitro deve ser informado, antes do início do jogo, dos nomes de cinco jogadores, no máximo, de entre os quais poderão ser designados eventuais substitutos.

4.º O jogador que tiver sido expulso antes do início do jogo só pode ser substituído por um dos substitutos previamente indicados, mas o pontapé de saída não deve ser retardado, para permitir que o substituto se junte à sua equipa.

O jogador que tiver sido expulso depois de o jogo ter começado não pode ser substituído.

O jogador substituto que tiver sido expulso, antes ou depois do início do jogo não pode ser substituído (esta decisão só diz respeito aos jogadores que tenham sido expulsos por infracção à Lei XII, não se aplicando, portanto, aos que tenham infringido a Lei IV).

Basquete em foco

Entrevista com Tina das FARP

Com excepção do futebol, o nosso país é pobre em actividades e acontecimentos desportivos. Não é que falte material humano, vontade ou entusiasmo — veja-se por exemplo os campeonatos de bairros, que decorrem em plena chuva nos arredores de Bissau — não há é iniciativa da parte dos organismos competentes.

É claro que os «tugas» nada nos deixaram, mas!!! No meio da indiferença quase geral, um grupo de raparigas da nossa capital, renunciando aos bailes e outros prazeres de fim de semana, conseguiu com o apoio das FARP, organizar uma equipa feminina de basquetebol. Na sua primeira saída ao estrangeiro, ela obteve vitórias encorajadoras frente às moças da República amiga de Angola.

Para saber como surgiu a equipa e a feliz «aventura» angolana, o «NO PINTCHA» ouviu ontem o seu capitão Albertina Sousa (Tina):

A nossa equipa realmente principiou no Banco, onde teríamos cerca de um ano. Só há dois meses e tal começámos a jogar nas FARP.

A direcção do BNG cedeu-nos um campo, onde íamos jogar duas vezes por semana, juntamente com as suas funcionárias. E não passou dali. Batíamos bolas sozinhas, sem um treinador, nunca competíamos enfim, não tivemos aquele apoio mínimo por parte do Banco. Muitas começaram a desistir, até que surgiu a possibilidade de irmos para as FARP. E ali o ambiente foi outro.

No princípio também treinávamos sós, mas passado pouco tempo os responsáveis arranjaram-nos um professor cubano, que treinava de graça, interessavam-se muito pelos nossos problemas. Com esse trabalho apoiado e sério, a gente acabou por entusiasmar-se e praticar mesmo a sério o basquetebol.

Com a vinda da equipa de futebol das FAPLA a Bissau, falou-se na hipótese da nossa equipa participar nas comemorações do 1.º de Agosto. Houve no início certas hesitações, mas depois a nossa ida ficou assente. A perspectiva de irmos representar as FARP e conhecer Angola animou-nos e iniciámos a preparação com afinco e entusiasmo. Iamos pela primeira vez pôr as nossas possibilidades à prova.

Primeiro jogo em Luanda, com o pavilhão cheio, uma vitória. O segundo em Lubango, outra vitória. Foi uma experiência feliz e interessante. Que vantagens tiraram dela?

Sim, como experiência foi muito interessante. Fizemos dois jogos. Na capital ganhamos por 31-18. No início entrámos nervosas, sobretudo a Lutchá. Havia algumas jogadoras angolanas bastante altas e com certa técnica. Jogámos mais à defesa e tivemos a vantagem física

de colegas da equipa de futebol, e finalmente podemos avaliar o basquetebol angolano.

POSSIVEL VIAGEM A CONACRY

Tina tem muita prática do basquete. Começou aos 11 anos na Cuf (Portugal). Aos 14 estreou-se na equipa principal e chegou a jogar pela selecção portuguesa contra a Inglaterra, tendo vencido um jogo e perdido outro. Depois foi para a equipa do CIF (várias vezes campeã de Portugal), onde ganhou «calo». Desde 1975 que se encontra em Bissau. Eis o que ela pensa do nosso desporto em particular do basquetebol:

O facto de existirmos como equipa e de termos obtido aquele resultado não reflecte de maneira nenhuma o nível do nosso desporto. Tudo foi obra da nossa própria iniciativa, e do apoio que as FARP nos deu.

As pessoas que querem praticar algum desporto deparam-se com muitas dificuldades, algumas das quais são circunstanciais, é claro. Mas podia-se

muito bem organizar junto de cada clube a prática de várias modalidades.

Quando ao basquetebol, não vejo o que impede que se criem aulas de mini-basquete, equipas a nível regional, ou se organizem campeonatos como forma de encorajar e despertar o interesse das pessoas. Estou segura de que bem organizado e apoiado, pode haver basquetebol na nossa terra, num tempo relativamente curto e não se limitar só às FARP e no Banco.

E como vê a participação da mulher nesse desporto do futuro?

Infilizmente as nossas mulheres não estão habitadas à prática do desporto, e também nada foi feito até agora para encorajá-las nesse sentido.

Segundo nos informou Tina, fala-se numa provável deslocação do basquete feminino das FARP até Conakry, oportunidade que ela considerou excelente, até porque é uma boa maneira de não arrefecer o entusiasmo e parece que as «nânias» são mais fortes que as angolanas.



Tina, no centro, em acção

Prepara-se golpe anti-democrático em Portugal

- disse Mário Soares

LISBOA 14 — Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista, declarou no domingo que um «golpe anti-democrático está em preparação em Portugal, conduzido por uma forte pressão da direita».

«Têm-se verificado, desde há algum tempo, tentativas destinadas a criar um certo bloco nacional ou nacionalista da direita» que teria por objectivo recuperar todas as conquistas da revolução de 25 de Abril de 1974, acrescentou Soares numa entrevista à rádio portuguesa.

O Primeiro-Ministro destituído reafirmou que o seu partido não participaria no governo de Nobre da Costa que, segundo Mário Soares, terá «uma lógica de governo de direita». A fórmula apresentada por Nobre da Costa de formar um governo com cinco personalidades independentes, cinco socialistas, três social-democratas e dois centristas, seria para Soares «uma coligação disfarçada» que tiraria toda a influência ao PS, o partido que obteve mais votos nas eleições.

Mário Soares declarou também que o presidente



O novo Primeiro Ministro

da República tomou nesta crise «uma posição muito grave que poderá manchar o seu prestígio». Segundo o secretário-geral do PS, o presidente Ramalho Eanes não respeitou a constituição, nem a solução proposta pelo seu partido, pelo CDS e pelos comunistas, ao designar Nobre da Costa para formar o novo governo. Segundo a acordo, o Primeiro-Ministro devia ser socialista.

Por seu lado, o Partido Comunista Português considera que a democracia portuguesa «atravessa actual-

mente a mais grave crise da sua existência». A seguir a uma reunião realizada na sexta-feira para analisar a actual situação do país, o comité central do PCP publicou um comunicado no qual exprime «as mais sérias reservas» sobre a escolha de Nobre da Costa, «personalidade estreitamente ligada aos grupos monopolistas».

O PC acha que a crise política provocada pelo CDS ao retirarem-se do governo de Soares «inscreve-se na estratégia das forças reaccionárias que visam a liquidação do regime democrático e a reconquista do poder económico».

Em Lisboa, a maior parte dos observadores prevêem um fracasso de Nobre da Costa na sua missão de formar um novo governo que beneficie do apoio dos partidos. Face às intransigências dos socialistas, o novo Primeiro-Ministro tem duas hipóteses: ou formar um governo de gestão, que só terá por tarefa preparar eleições antecipadas, ou renunciar. No último caso, não se exclui a possibilidade do presidente Eanes chamar uma personalidade militar. (FP)

Moçambique: repetida mais uma agressão rodesiana

JOHANNESBURGO — As tropas rodesianas lançaram um ataque contra Moçambique, durante o fim-de-semana de 29 de Julho a 1 de Agosto, anunciou um comunicado de Estado-Maior do exército moçambicano difundido na sexta-feira pela rádio Maputo.

Segundo o comunicado, as F.P.L.M. repeliram o ataque e abateram um helicóptero cujos ocupantes morreram. «Um «Mirage» rodesiano violou uma vez mais o espaço aéreo de Moçambique e lançou ataques nas províncias de Manica e de Tete. Doze pessoas foram mortas e mais de 50 feridas», acrescenta o comunicado das Forças Armadas.

De Maputo, soube-se ainda que o governo da República

Popular de Moçambique decidiu colocar sob a sua autoridade a companhia «Sena Sugar Estates», controlada por capital britânico. Esta decisão, indica o decreto do Ministério da Indústria e da Energia da RPM, foi tomada face à posição dos dirigentes da companhia de não quererem contribuir na realização de planos de desenvolvimento económico de Moçambique e violavam as leis vigentes no país, o que provocou irregularidades no abastecimento da população em açúcar.

Por decisão do ministério, uma comissão investida de largos poderes nos domínios administrativo, económico e financeiro, foi criada nesta empresa. (FP, Tass)

Inflação recorde na Argentina

BUENOS AIRES — Do mês de Agosto do ano passado a fins de Julho, deste ano, a taxa de inflação na Argentina elevouse a 186,7 por cento. No decorrer dos primeiros meses deste ano, a taxa de inflação foi de 80,7 por cento.

O golpe de Estado, pelo qual Videla derrubou, há 28 meses, o governo da antiga presidente Isabel Peron, tinha sido interpretado como a vontade de liquidar a inflação que flagelava a Argentina. No entanto, a taxa de inflação no primeiro semestre deste ano é maior

do que aquela do mesmo período do ano passado.

A grande taxa de inflação, que coloca a Argentina à cabeça da lista no mundo, afecta duramente a qualidade de vida dos trabalhadores tanto mais que os salários foram «congelados», enquanto que os preços dos produtos e dos serviços não param de subir. É por isso que os salários reais do mundo operário se situam hoje a menos de 50 por cento, em relação ao seu valor do último ano do governo civil. — (Tanjung)

Conferência mundial contra a discriminação racial

GENEVA 12 — A conferência mundial sobre a Luta contra o Racismo e o Apartheid decorre desde ontem nesta cidade, na presença de delegados de mais de cem países.

Segundo um comunicado da ONU, a conferência deve analisar «os progressos conseguidos até agora na luta contra o racismo, a discriminação racial e o apartheid, avaiará «a eficácia dos métodos empregues» e

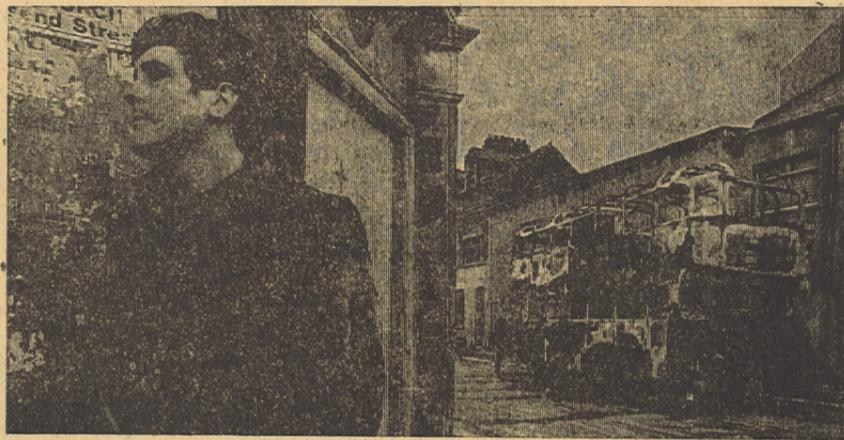
procurará «elaborar propostas eficazes para uma acção internacional destinada a eradicar completamente o racismo».

Tal texto confere excepcional importância ao problema do apartheid e das «práticas discriminatórias contra grupos sociais em diversos países e contra os trabalhadores emigrantes e suas famílias».

A conferência prolonga-

-se até o dia 25. O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, participou na sessão inaugural. (FP)

A Grã-Bretanha e o problema da Irlanda do Norte



Violentos confrontos marcaram o nono aniversário da presença militar britânica no Ulster

LONDRES, 13 — A Grã-Bretanha deve retirar-se totalmente da Irlanda do Norte e dar a independência a este território no espaço de cinco anos, preconiza o jornal «Daily Mirror» da Inglaterra, num edito-

rial de três colunas publicado ontem por ocasião do nono aniversário do envio de tropas britânicas para o Ulster.

«O custo de nove anos de terror, considera o

jornal, foi de 1154 mortos, 365 deles soldados, 19.917 feridos, 2.721 soldados, 5.960 explosões com bombas, 90 mil prédios danificados, e registada a perda de 246 milhões de libras». (FP)

Central técnica na Tanzânia

DAR-ES-SALAM 14 — Uma nova central térmica foi posta em serviço na região da cidade de Mwanza, no noroeste da Tanzânia. A central abastecerá de energia as fábricas têxteis e de alimentos que estão em vias de construção. — (Tass)

Violação dos direitos do Homem

SÃO JOSÉ 14 — Uma comissão do Conselho Mundial da Paz começou os seus trabalhos em São José (Costa Rica) com o objectivo de inquirir sobre a violação dos direitos do Homem pelas ditaduras no Haiti, na Nicarágua e no Salvador. Participaram nas deliberações as testemunhas da perseguição de patriotas. (ADN)

Encontro Kim Il Sung-Jalloud

PARIS 14 — O presidente norte-coreano Kim Il Sung, recebeu anteontem o comandante Abdel Salam Jalloud, Primeiro-Ministro da Líbia, actualmente em visita na Coreia. O encontro durou três horas e foi consagrado à consolidação e desenvolvimento das relações bilaterais. (FP)

NICARAGUA: DEPURAÇÃO NO EXÉRCITO

MANAGUA 13 — Trinta dos 35 chefes militares do exército nicaraguense foram demitidos das suas funções pelo ditador Anastasio Somoza. Esta decisão inesperada foi considerada nos meios políticos de Managua como «um esforço para evitar novas confrontações sangrentas entre militares e civis». Entre os oficiais afastados, figuram respectivamente os chefes da polícia de Managua e do departamento de Carazo acusados de «ter utilizado a força de modo excessivo contra as manifestações civis». — (FP)

SENEGAL: AUMENTO DO PREÇO DA GASOLINA

DAKAR 13 — A gasolina vai aumentar de preço no Senegal. Com efeito, o preço da gasolina normal passou de 90 a 100 francos CFA por litro, enquanto o super, que custava 97 francos, passou para 120 o litro. Esta decisão foi aprovada pela assembleia nacional. Dois deputados votaram contra um absteve-se — (FP)

FURACÃO NA FILIPINAS 30 MORTOS

MANILA 14 — Cerca de trinta pessoas morreram no domingo numa cidade do norte das Filipinas devido ao deslizamento de terreno provocado pela passagem de um tornado conhecido pelo nome de «Della». O acidente deu-se na cidade de Subic perto da base naval americana de Subic Bay, situada a 88 quilómetros a noroeste da capital Manila.

TURQUIA: VISITA DE KARIM GAYE

DJEDDAH 13 — Ahmed Karim Gaye, secretário-geral da Organização da Conferência Islâmica, deve chegar Djeddah amanhã para efectuar uma visita de vários dias à Turquia.

As conversações do secretário-geral com os responsáveis turcos incidirão sobre o reforço da cooperação entre a Turquia e a organização islâmica. — (FP)

PRESIDENTE RENE NA TANZANIA

DAR ES SALAM 14 — France Albert Rene, presidente da República das Seicheles, encontra-se desde domingo na capital tanzânica para uma visita oficial de oito dias. Realizará conversações com Julius Nyerere, chefe de Estado da Tanzânia, e visitará cidades da parte continental do país e da ilha de Zanzibar. — (Tass)

Vai iniciar-se o recenseamento geral da população

O Conselho de Comissários de Estado aprovou um decreto que determinou a realização de Recenseamento Geral da População, cujo início será posteriormente fixado pelo Comissariado de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação. O recenseamento da população visa a realização de um inventário dos recursos humanos do País, a fim de obter dados de base para a planificação económica e social, na medida em que o fim da guerra de libertação deu lugar ao regresso a Guiné-Bissau dum número importante de exilados, e, por outro lado, verificaram-se consideráveis movimentos migratórios internos, o que provocou grandes alterações no perfil demográfico do País.

A realização deste recenseamento, que terá apoio técnico e financeiro da Organização das Nações Unidas, será nominal, simultâneo, e abrangerá os nacionais habitualmente residentes ou temporariamente ausentes da República da Guiné-Bissau, os estrangeiros habitualmente residentes e os que se encontrem no nosso país no momento do recenseamento. Os boletins de recenseamento inquirirão sobre as condições demográficas e sócio-económicas e sobre a família, as convicções e as condições de habitação.

Foi criado no CEDEP o Departamento Central de Recenseamento, e, em cada região, um Departamento Regional. A este departamento central competem as funções de estudo, orientação, fiscalização e apoio, e são-lhe atribuídos os poderes necessários à preparação e a realização do Recenseamento Geral da População. Aos departamentos regionais caberão, nas regiões respectivas, as funções de apoio e fiscalização do recenseamento.

Os inquiridores têm o direito a fazer todas as perguntas necessárias ao preenchimento completo dos boletins de Recenseamento. No entanto, as informações recolhidas no recenseamento têm carácter confidencial e obrigam a segredo profissional todo o pessoal que esteja a fazer esse trabalho. Para a condução satisfatória das operações do recenseamento, foram criados ainda os seguintes comités: Comité Nacional de Recenseamento, autoridade suprema responsável por todas as questões relacionadas com o recenseamento; Comité de

Publicidade, responsável pela coordenação de todos os trabalhos publicitários relativos ao recenseamento; Comité Técnico, com a atribuição principal de examinar o conteúdo do questionário, os conceitos, definições e classificações a empregar no recenseamento, e discutir os programas de exploração e publicação; e, finalmente, os Comités Regionais, com a função de coordenar todas as operações do recenseamento nas regiões respectivas.

manifestou a sua satisfação por poder participar numa reunião desse nível. «Esta iniciativa demonstra mais uma vez que somos maduros. Ela tem muita importância porque só assim poderemos levar a nossa terra para a frente. E, continuando, «Espero, assim, que com os resultados, tanto do plano económico, político e diplomático, os embaixadores saiam com mais força para poderem cumprir cabalmente as suas tarefas».

Irão

Revolta generalizada nas principais cidades

TEERÃO, 14 — O total das Forças Armadas iranianas recebeu ordem de estar «pronta a intervir, se necessário», anunciou, ontem, em manchete, a imprensa do Irão.

Por outro lado, o «Majlis» (câmara baixa) foi convocado para 20 de Agosto, a fim de aprovar a instauração, por um mês, da lei marcial em Ispahan.

A proclamação do estado de alerta no exército coincide com o anúncio de novos tumultos, no domingo, em várias cidades, entre as quais Teerão.

Novas manifestações tiveram ontem lugar em Teerão nos bairros populares do sul e em diversos bairros residenciais. Quarenta pessoas foram detidas, segundo a imprensa. Duas mesquitas e o «Clube Americano», foram colocadas sob protecção da polícia.

A imprensa noticia igualmente que o início dos distúrbios, domingo, em Qazvin (150 quilómetros a oeste de Teerão) provocou a morte e vários feridos, e que seis pessoas foram feridas em Ardabil, no Azerbaidjan. Em Tabriz, capital desta província, um restaurante foi incendiado.

Em Ispahan, cerca de 30 pessoas, entre as quais adolescentes, foram abatidas à bala, na quinta-feira, e dezenas de outras mortas no dia seguinte, no decurso de manifestações na cidade, afirma um comunicado, publicado em Paris pelo «Comité para a Defesa e a Promoção dos Direitos do Homem no Irão».

Entretanto, Ayatollah Shariat Madari, chefe supremo da comunidade chiita iraniana, reagiu vivamente, ontem, em Qom, contra as últimas medidas do governo em Ispahan, Chiraz e Mashad, que qualificou de «cruéis», criticando assim implicitamente a lei marcial promulgada na primeira cidade.

Candidatos a jornalistas do «Nô Pintcha»

Termina hoje o prazo para a inscrição de candidatos aos lugares de jornalistas em aberto na nossa redacção. Os camaradas inscritos são agora convocados para comparecer no próximo sábado, dia 19, às 9 horas da manhã, nas salas 14 e 15 do Liceu N'Krumah, para se submeterem a um teste escrito de avaliação de conhecimentos e de redacção.

Luiz Cabral felicita dirigentes africanos

No momento em que se comemora o 18.º aniversário da independência da República do Tchad, o camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, enviou em seu nome, do Conselho de Estado e do nosso Povo, um telegrama de felicitações ao seu homólogo Félix Maloum.

A certa altura do seu telegrama, o camarada Presidente demonstrase convencido de que os laços de amizade, solidariedade e cooperação que existem entre os dois povos e países se desenvolverão cada dia mais

para a felicidade e progresso dos dois povos.

Igualmente, por ocasião do 18.º aniversário da independência do Império Centro-Africano, o camarada Luiz Cabral enviou uma mensagem de felicitações com votos de progresso e prosperidade ao imperador Bokassa I.

Por seu lado, o camarada Victor Saúde Maria, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, endereçou telegramas aos seus homólogos do Tchad e do Império Centro-Africano.

1.ª Conferência de embaixadores

(Continuação da 1.ª página)

O camarada Victor Saúde Maria fez a leitura do relatório das actividades do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros e das missões diplomáticas e consulares acreditados no estrangeiro. Durante cerca de uma hora e meia, o chefe da diplomacia guineense criticou e expôs a situação do trabalho dos embaixadores no exterior, falou das disciplinas hierárquicas e administrativa, das atribuições, definição e divisão das competências, do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros no quadro da política das instituições do Estado.

Ainda durante a leitura do seu relatório, que constava de 10 pontos, o camarada Victor Saúde Maria referiu-se à dinâmica das relações exteriores e às insuficiências do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros, à formação e definição de quadros do mesmo Comissariado, às relações entre os departamentos das relações exteriores da Guiné-Bissau e Cabo Verde e, por último, falou da política externa do nosso Estado.

Saliente-se, no entanto, que as discussões, que terão lugar até sexta-feira, serão feitas à base do relatório apresentado pelo camarada Comissário dos Negócios Estrangeiros.

EXPRESSÃO DE UNIDADE

A terminar a sessão usou da palavra o delegado de Cabo Verde que iniciou o seu discurso, afirmando: «A nossa presença nesta reunião inscreve-se no quadro de relações especiais existentes entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde e, particularmente, entre os dois departamentos de relações exteriores. Ela significa a expressão de unidade e complementaridade da política externa dos dois Estados irmãos. Esperamos portanto, que num futuro breve, de acordo com a dinâmica da unidade, possamos realizar uma reunião conjunta».

O representante do Governo do país irmão fez referências à vida em Cabo Verde, no que respeita ao relacionamento com o exterior, falou das actividades do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, do respectivo esquema orgânico. Mais adiante referiu-se ao trabalho das missões diplomáticas e postos consulares no exterior, fez uma pequena síntese das realizações do Estado de Cabo Verde no plano externo, referência aos aspectos ligados com a emigração e, finalmente das relações entre os dois departamentos das relações exteriores.

Juventude da Guiné-Bissau voltou de Cuba

(Continuação da 1.ª página)

e dos Estudantes foi uma experiência nova e fértil para a maior parte dos integrantes da nossa delegação. A esse respeito, Chico Lúcio disse:

«Colhemos algumas experiências que nos servirão para reforçar a organização da JAAC, nomeadamente no campo dos encontros internacionais, condução de reuniões» e orientação de reuniões».

Finalmente, Chico Lúcio salientou a grande força que constituiu a presença única dos Jovens da Guiné e Cabo Verde no XI Festival: «Mostrou-nos que a nossa força reside na unidade, reforçou os laços de amizade entre a juventude das duas terras e possibilitou um maior conhecimento mútuo».

ULTIMAS NOTICIAS

SITUAÇÃO NO LIBANO

BEIRUTE, 14 — Após troca de tiros, que durou vários dias, nas últimas vinte e quatro horas, a situação na capital libanesa, tornou-se relativamente estável. Observa-se uma normalização da situação no este da cidade apesar de terem sido disparados tiros esporádicos neste quarteirão.

Uma acalmia registouse igualmente no sul do país, nomeadamente na região de Kawkaba, onde se encontra um batalhão do exército libanês, cuja marcha foi interrompida em Tibnin pelas forças da direita. O comandante da força provisória da ONU teve uma reunião no seu estado-maior em An-Nakura onde discutiu, se-
gundo informações, as vias de ultrapassar o impasse político nas regiões sul-libanesas, bem como as questões da instalação do exército do Líbano conforme a resolução do Conselho de Segurança.

Frente Patriótica

(Continuação das Centrais)

posição muito mais reduzida, está cercado, estreitase cada vez mais o cerco. Há muitas zonas em que já não está de modo algum.

No Sul, a mesma coisa. Há várias zonas onde o inimigo não pode penetrar. Onde as escolas continuam a funcionar, mas controladas inteiramente por nós. Abaixo de Chabane, abaixo de Dilingwe... há aqui áreas absolutamente interditas ao inimigo.

Gostávamos que um dia as pudessem visitar, para vocês mesmo verem com os vossos olhos, falarem com as pessoas, lá. Eles dir-vos-ão, eles próprios, o que é a vida deles, o que é a vida lá, hoje.

P. — O que há de concreto sobre a intervenção militar sul-africana na Rodésia?

R. — Unidades militares não as têm na Rodésia. Estão concentradas junto da fronteira com a África do Sul, mas do lado deles. Mas o que eu porei em dúvida é se os sul-africanos alguma vez se retiraram das forças rodésianas. Basta ver os comunicados de guerra deles... Muitos dos nomes dos soldados mortos são sul-africanos. Eles continuam lá.

P. — Como considera a hipótese de um envolvimento militar directo da África do Sul no apoio a um Sithole ou Muzorewa após a saída de Smith?

R. — O que me preocupa agora é o futuro de Smith. Porque de momento, onde está Smith, está Sithole. E espero que no futuro, onde Smith fôr, vá também Sithole...